

6 Conclusão

A imagem fotográfica se faz na interação entre o Eu e o Outro. Realiza-se na mediação entre diferentes sujeitos e o instrumento técnico. Esta característica implícita do ato fotográfico nos levou ao desdobramento da questão: - É possível apropriar-se da experiência do ato fotográfico e transformá-lo num ato de conhecimento do mundo e de si próprio, permeado por laços de afeto, cumplicidade e companheirismo?

A partir dos resultados obtidos no processo de construção desta pesquisa-intervenção, afirmamos que a linguagem fotográfica se constitui na articulação de uma estrutura dialógica e alteritária. Como meio, a Fotografia dialoga com a realidade que pretende representar, com o contexto sócio-cultural e com os sujeitos envolvidos no ato fotográfico. Ao mesmo tempo, a mediação propiciada por este meio favorece a revelação de subjetividades, a explicitação das diferentes formas de ver o mundo e a percepção das influências históricas e culturais implícitas na construção do olhar.

Ao longo desta pesquisa, observamos que a apropriação do ato fotográfico como experiência de aproximação e conhecimento do mundo abre novas possibilidades de interação e criação de mediações que podem contribuir não só para a construção de conhecimento, para a diversificação dos recursos pedagógicos e de comunicação alternativa, como também para o processo de socialização e inclusão social. Várias transformações ocorreram no contexto e nos sujeitos pesquisados que nos levam a destacar, dentro do universo das linguagens artísticas, a Fotografia como uma forma de representação simbólica, que favorece o desenvolvimento do processo de criação, o exercício da busca de construção de sentidos, o resgate da memória e a experiência do diálogo.

Podemos nos aproximar e melhor compreender estas transformações ocorridas nos sujeitos pesquisados, mediadas pela experiência com a linguagem fotográfica, ao observarmos as produções exibidas abaixo. Destacamos duas fotografias e as legendas criadas pelos alunos como síntese de nossa reflexão:

As imagens, aqui inseridas, foram produzidas em dois momentos distintos de nossa pesquisa. O primeiro registro foi feito logo quando iniciamos as atividades e o grupo integrado se constituiu. Durante um passeio ao Jardim Botânico, os alunos fazem uma pose para outro aluno-fotógrafo, e, dias depois, produzem a legenda para a foto.



Foto 62: A enfermeira e o segurança do Rui

A idéia transmitida na imagem e na frase, escrita por um aluno com deficiência, traz uma concepção das relações estabelecidas entre os sujeitos retratados, que se constrói de forma hierárquica e assistencialista. Os papéis atribuídos aos dois alunos que passam a freqüentar a Oficina são os de “enfermeira” e “segurança” do Rui. A eles estão relacionadas as funções de cuidar e proteger os alunos com necessidades especiais de aprendizagem. A postura de submissão e dependência encontra-se implícita nas palavras deste aluno, como também na pose retratada. O aluno sentado na cadeira de rodas é acompanhado por uma colega, que segura sua mão, e por outro aluno que empurra sua cadeira. Na imagem, este aluno aparece amparado pelos colegas. A partir desta leitura, nos perguntamos: - Será este o sentimento que permeou as relações iniciais estabelecidas no grupo e a inserção dos alunos no contexto da Escola Especial?

A imagem abaixo, que trazemos como contraponto à primeira, foi produzida no final da pesquisa-intervenção. Uma das alunas a escolheu como ilustração do convite para a exposição final dos trabalhos realizados na Oficina.

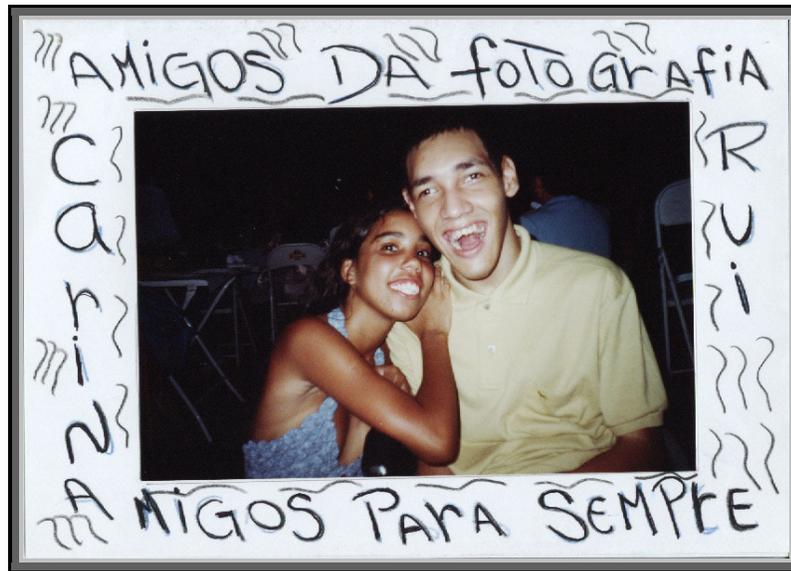


Foto 63: Amigos da Fotografia, amigos para sempre

As palavras escritas pela aluna funcionam como legenda da foto e nos levam a pensar sobre a trajetória de consolidação das relações afetivas estabelecidas entre o grupo integrado de alunos. Durante o tempo da pesquisa-intervenção, observamos os movimentos do grupo e as diferentes formas com que experimentaram a construção de suas interações. A pose retrata e mobiliza o resgate do processo de interação entre os dois grupos de alunos, oriundos de espaços escolares distintos, que se tornaram muito próximos. Abraçados e sentados lado a lado, os alunos posam para uma foto. Esta imagem não revela o que os distingue, mais o que os aproxima: laços de afeto e amizade, cumplicidade nas formas de ver e viver a vida, desejo de perpetuar o sentimento que os une pela eternidade. Será esta uma situação possível? Quais seriam as possibilidades de se manter os vínculos construídos na Oficina, durante o período de duração da pesquisa, para além do tempo e do espaço que a constituem?

Na busca de superação das barreiras de diferentes naturezas que impedem o processo educativo, construímos coletivamente um espaço de pesquisa, de diálogo e interação do grupo, a partir de experiências desencadeadas pela linguagem fotográfica. Potencialidades foram descobertas, desejos instigados e outras formas de perceber a si mesmo foram reveladas. Que *oportunidades* estes e outros alunos teriam, concretamente, de dar continuidade ao trabalho de desenvolvimento de seu

processo de criação e produção artística? Como garantir que o desejo despertado - de ser um fotógrafo, de deixar sua marca *foto-grafada* e de revelar seu potencial - irá se concretizar? Estas indagações rerepresentam questões importantes relacionadas ao compromisso ético com os sujeitos pesquisados, ao mesmo tempo em que apontam para a necessidade de uma ampla reflexão sobre a terminalidade escolar, a profissionalização do aluno com necessidades especiais de aprendizagem e sua inserção no mercado de trabalho.

Dentro do contexto de nossa investigação, afirmamos que o meio e as mediações criadas a partir da linguagem fotográfica revelaram o potencial inclusivo da Fotografia. A possibilidade de se criar adaptações para os instrumentos técnicos tradicionais, tais como a câmera fotográfica, contribuiu para uma maior independência dos alunos com deficiência física e motora na vivência de seu processo de criação/produção de imagens. Se antes, devido às limitações motoras, não conseguiam segurar o lápis, o pincel e outros materiais convencionais, já com as câmeras e os recursos alternativos criados, os alunos descobriram outras formas e procedimentos que viabilizavam sua expressão, comunicação e o desenvolvimento de seu processo de criação. Na integração das linguagens visual, oral e escrita, encontramos recursos para ampliar o espaço de produção de narrativas e de interlocução entre os sujeitos envolvidos na pesquisa. No convívio com as diferenças, mobilizamos o trabalho em parceria como alternativa para a socialização do grupo e para uma maior compreensão e superação de preconceitos, barreiras e limites.

Desta forma, construímos outras modalidades de trabalho pedagógico, onde alunos, professores e pesquisadora tiveram a oportunidade de se conhecerem mutuamente através de uma ação conjunta de produção de conhecimento. Incentivando o diálogo, o intercâmbio e a pesquisa sistemática envolvendo os professores, a pesquisadora e o grupo de pesquisa do qual faz parte, concretizamos a parceria entre a escola e a instituição acadêmica, na busca de estratégias de formação permanente de professores/pesquisadores.

A conclusão deste projeto de pesquisa-intervenção não implica o término desta investigação, uma vez que, a partir dos resultados obtidos, outras adaptações continuam a ser pensadas e criadas pela equipe pedagógica da Escola Especial. A investigação continuada sobre a linguagem fotográfica e suas possíveis interações com outros meios e recursos pedagógicos, visando não só a criação artística, como também o desenvolvimento de recursos de comunicação alternativa que atendam

aos alunos com necessidades especiais de aprendizagem, é um campo aberto à investigação. É um campo de estudos que instiga novas e necessárias pesquisas relacionadas à imagem, subjetividade e construção de conhecimento.

O trabalho vivenciado na Oficina possibilitou aos alunos e professores envolvidos no projeto o contato com diferentes tipos de câmera fotográfica e com os processos de revelação e ampliação da fotografia em preto&branco, colorida e digital. Foram explorados diferentes recursos e técnicas fotográficas, tais como: fotografia tradicional produzida com câmera automática e utilização de filmes P&B e colorido; fotografia com pinhole (câmera do buraco da agulha) e fotografia digital. Além disso, foram realizadas experiências de animação de imagens fotográficas e a integração da fotografia com outros recursos e linguagens plásticas. Essa diversificada dinâmica de produção de imagens permitiu o contato e a compreensão dos diferentes processos de criação e fruição da imagem fotográfica. Ao abordarmos historicamente a trajetória da técnica para a construção de imagens, permitimos uma maior compreensão das transformações espaço-temporais por elas engendradas, destacando os efeitos nos modos da criação artística e estética ao longo dos tempos.

O foco central desta discussão concentrou-se na questão de como desencadear uma consciência crítica, tanto nos alunos como nos professores, de que os instrumentos técnicos disponíveis em nossa cultura podem exercer a função de vetores da subjetividade, atuando internamente dentro de cada indivíduo. O exercício constante da produção e leitura de imagens fez parte do cotidiano de trabalho da Oficina e permitiu um aprofundamento mais crítico sobre questões relacionadas à própria linguagem fotográfica e sobre questões reveladas e mediadas a partir desta linguagem. Perceber a interação do domínio da técnica fotográfica com o lado subjetivo - o olhar do fotógrafo - nos traz uma outra dimensão da imagem, ou seja, a dimensão da criação possibilitada pela intervenção sobre o real através de um instrumento técnico - a câmara fotográfica. A imagem impressa na foto, ao mesmo tempo em que aprisiona o instante, se oferece como uma máquina espaço-temporal transportando o sujeito para outro lugar e outra temporalidade. A foto, como meio de expressão, não deveria, portanto, se limitar ou ficar aprisionada aos sentidos estipulados pela informação massificada, ou seja, no papel de reprodutora de padrões estéticos perpetuados desde a sua invenção. Para que o sujeito exercite sua capacidade de criar, é importante que se liberte de conceitos pré-

estabelecidos, de regras fixas da composição visual, reconhecendo nas imagens fabricadas a partir da intervenção técnica aquilo que realmente **fale de si**.

A partir da relação dialógica e alteritária vivenciada no ato fotográfico, a pesquisa-intervenção mobilizou os diferentes segmentos da escola, equipe técnica, professores, responsáveis, alunos e a pesquisadora, que, juntos, puderam conhecer seus diferentes pontos de vista, rever conceitos, repensar ações e planejar novas intervenções relacionadas à dinâmica de trabalho na escola e ao desenvolvimento de seu projeto político-pedagógico. A partir das fotografias produzidas e dos comentários realizados pelos alunos envolvidos na Oficina, a escola pôde se rever, reavaliar e replanejar ações.

As atividades da *Oficina de Photos&Graphias* foram documentadas por diferentes meios de comunicação, tais como programas educativos veiculados pela TVE e pela MultiRio. Desta forma, não só obtivemos a documentação da trajetória da pesquisa, como também vivenciamos a experiência de participação na produção do vídeo, junto a uma equipe de profissionais. Isto possibilitou ao grupo um maior contato, reflexão e postura crítica frente à mídia e aos modos de produção utilizados pela televisão. Acompanhamos as etapas de produção e, a partir dessa experiência, refletimos sobre a pré-produção, produção e pós-produção da matéria, procurando desconstruir o processo, para melhor conhecimento da linguagem televisiva e de alguns de seus recursos de gravação de áudio e imagem, edição, etc. A produção desses vídeos permitiu ao grupo obter uma outra forma de registro e arquivo de sua memória. O vídeo facilita a veiculação de informações sobre a experiência do projeto, através de um outro meio de comunicação, além do registro fotográfico, que já está incorporado à rotina de documentação da pesquisa.

O contato constante do grupo da Oficina com profissionais que atuam na área de produção de imagem permitiu uma maior aproximação com este universo e a abertura de uma possível frente de trabalho e de profissionalização dos jovens. A partir dos depoimentos e do diálogo com esses profissionais, pretendemos nos aproximar do universo expressivo e da obra do artista. Isto nos leva a conhecer melhor algumas especificidades da linguagem fotográfica, do campo de atuação do fotógrafo, ao mesmo tempo em que nos permite entrar em contato com a diversidade dos recursos tecnológicos disponíveis no mercado e com o variado campo de aplicações da fotografia no mundo contemporâneo. Além da visita do profissional à escola, a abertura de um espaço de discussão sobre questões específicas

da Arte e da linguagem fotográfica também nos motiva a refletir criticamente sobre o próprio processo vivenciado no projeto de pesquisa-intervenção da “*Oficina de Photos&Graphias*”.

A visita desse profissional cria um tempo/espço de diálogo, onde podemos reavaliar e replanejar nosso processo e produção, a partir da relação alteritária com a produção do artista/fotógrafo convidado. A efetiva participação da “*Oficina de Photos&Graphias*”, com a exposição de trabalhos produzidos pelos alunos em diferentes contextos, permitiu a divulgação do projeto e o reconhecimento do valor da experiência vivida. O processo de organização da exposição mobiliza o grupo, nos levando a revisitar as obras, avaliar seus resultados, selecionar opções, organizar a exposição, coletivamente e de acordo com a opinião do grupo. Além disso, é uma grande chance de divulgação do projeto da Oficina para a comunidade escolar, de avaliação dos resultados e redimensionamento da proposta. É uma oportunidade de socializar o processo vivenciado, reconhecendo e valorizando a produção individual e coletiva. Um momento em que reconstruímos a trajetória da Oficina, onde lembramos a nossa história e viabilizamos o encontro de cada um com seu próprio processo e produção, com a de seus colegas e com a do grupo como um todo.

Esta proposta de pesquisa-intervenção toma por base a necessidade de se construir um novo olhar sobre o campo da Arte e da Educação Especial, motivada pela preocupação de se pensar propostas e políticas educacionais que dêem conta do sujeito inserido na cultura contemporânea, que lutem pela construção de uma sociedade mais justa, menos segregadora e excludente, onde o convívio com as diferenças seja valorizado e incentivado. Uma vez alterado o espaço social por diversos fatores, inclusive pela presença maciça das imagens no cotidiano, acreditamos que o conhecimento científico já institucionalizado, bem como as práticas pedagógicas vigentes, possam ser articulados com o paradigma estético, enriquecendo a discussão sobre o sujeito atual e sua relação com o conhecimento, com o meio social, consigo próprio e com o Outro.